

CURSO HERTZ

A GUERRILHA DO ARAGUAIA: Os dois lados da Moeda

Por Rogério Silva.

➤ Introdução

A guerrilha foi liderada pelo PC do B¹ que optou pela luta no campo devido ao precário espaço de atuação que detinham no meio urbano, tal situação veio piorar posteriormente o decreto do AI-5, que tinha como um de seus objetivos esmagar a oposição ao Regime.

Os guerrilheiros instalaram-se na região do Araguaia desde muito cedo, há registro da chegada dos “paulistas” por volta de 1966 e 1967, como foi o caso do fundador do PC do B Mauricio Grabois (Velho Mario). Os comunistas chegaram à região de forma clandestina e passaram a estudar o cotidiano da população na perspectiva de criar um foco guerrilheiro de resistência a Ditadura. As lideranças do movimento, como Osvaldo Orlando, João Amazonas e José Genuíno, passaram a prestar serviços médicos e educacionais a população, como forma de se aproximar prevendo uma futura aliança política e revolucionária.

A Guerrilha do Araguaia situa-se no contexto que o historiador Eric Hobsbawm chamou de “Era dos Extremos”, referência ao século XX, o período do nazismo, do comunismo e da Guerra Fria, o guerrilheiros eram movidos pelo imaginário revolucionário de seu tempo.

✓ A Escolha do Local

O local para a ação que pretendíamos não foi uma escolha simples para o Partido. Tivemos de dividir o coletivo partidário em pequenos grupos de camaradas para procurar as melhores condições. Eu e o **Maurício Grabois** [Desaparecido] ficamos responsáveis por uma frente guerrilheira. **Pedro Pomar** por outra frente em outro lugar, e **Carlos Danielli** por outra.

Pomar escolheu a zona do *Vale do Ribeira*, em **São Paulo**. Mas fazer guerrilha por aqui, o inimigo liquidaria em pouco tempo. O outro grupo tentou fazer no **Maranhão e Ceará**, mas acabou sofrendo uma invasão policial, que levou à morte do camarada Frazão - alguém foi preso e deu o endereço de onde ele estava. O único núcleo de luta que vingou foi o organizado por mim e o Maurício. Fomos procurar onde seria o que pensávamos ser o melhor lugar - a região do Araguaia, que se liga às matas da Amazônia.

✓ O Início do Sonho

Os quadros do PC do B dividiram-se por três áreas, numa extensão de 130 quilômetros. Moviam-se numa superfície de 6, 5 mil quilômetros quadrados. Até o primeiro semestre de 1972 eles foram 59 homens e catorze mulheres. Quando exército chegou, havia 69 na mata e sete a caminho, entre eles João Amazonas e Rioco Kayano. Cinco a menos que a força de Fidel ao alcançar o litoral cubano, 26 combatentes a mais do que Guevara tivera na Bolívia poucos anos antes. Seriam a centelha de uma guerra popular. Pela descrição dos documentos revolucionários [PC do B, *Guerra Popular*], entrariam num cenário triunfal: “As montanhas e as florestas, as quebradas e os capões de mato, as grutas e as plantações mais densas, abrigarão os heróicos guerrilheiros, protegidos pela simpatia e pela violência das massas”.

Rosa, morena miúda, calçava 33. Chamava-se Maria Célia Correa, tinha 26 anos, estudara na Faculdade Nacional de Filosofia e sustentava-se trabalhando em banco. Cristina [Jana Moroni, 21 anos], cearense de rosto redondo, abandonara o curso de Biologia na Universidade Federal Fluminense. Despedira-se dos pais dizendo-lhes que talvez não a tivesse de volta.

(Depoimento de Cirene Moroni a Manchete de 22 de outubro de 1988, p.128)

➤ Estórias “perdidas” no Papagaio

Ainda hoje quando analisamos os fatos da guerrilha encontramos relevantes dificuldades em informações, isto porque os dois lados, PC do B e os Militares, ainda temem em abrir definitivamente seus arquivos.

Uma das questões ainda indefinida é quanto ao número de mortos e desaparecidos. Os guerrilheiros afirmam que foram mortas 75 pessoas das quais 58 eram “companheiros” e 17 camponeses da região, já os militares aumentam esses números, afirmam existir

registro de 85 pessoas mortas sendo 59 guerrilheiros, 20 camponeses e 6 militares. No entanto, o que se sabe com certeza que os dois lados cometeram atrocidades, os militares desrespeitaram quase todos os Direitos Humanos e a Convenção de Genebra foi esquecida, já os guerrilheiros realizaram na floresta o “justiçamento” um eufemismo para execução.

O “Justiçamento” foram os atos de assassinatos e execuções criado pelo PC do B no meio da floresta e tinha como objetivo condenar os “inimigos da revolução”, esses que poderiam ser até mesmo os companheiros de guerrilha, o saldo desse processo aproxima-se a 4 indivíduos: 1 companheiro, Rosalindo Cruz que envolveu-se em um triângulo amoroso; e 3 camponeses, um garoto de 17 anos que levou os militares ao encontro dos guerrilheiros, um suspeito, Osmar, de ser espião do Exército e um pistoleiro da região, como está descrito abaixo:

COMUNICADO DAS FORÇAS GUERRILHEIRAS DO ARAGUAIA. AO POVO.

Julgado pelo tribunal das forças guerrilheiras do Araguaia, foi condenado à morte, o pistoleiro conhecido pela alcunha de Pedro Mineiro, assalariado do facinora Capitão Olímpio, membro do grupo canalha “capingo”, protegido pela Ditadura.

Pedro mineiro, responsável pela morte de vários lavradores e peões, paga coma vida seus crimes contra o povo.

Morte aos pistoleiros e Bate-paus!

Morte aos grileiros!

Morte aos generais fascistas!

Abaixo o Incra!

Abaixo a Ditadura Militar!

Viva a terra livre

Viva o povo brasileiro

Vida as Forças guerrilheiras do Araguaia!

O Justiçamento era realizado pelo tribunal Revolucionário, este que era baseado em algo sagrado pelos guerrilheiros, o **Regulamento** “organizado em 20 artigos e quatro capítulos, (...) sobre as penalidades o regulamento regia, no artigo 16, a pena de fuzilamento em quatro dos seis crimes previstos, como nos casos de ‘violência contra as massas’, ‘traição à revolução’ e ‘covardia comprovada”.

Claro que os assassinatos não foram exclusivos dos guerrilheiros, para exemplificar essa situação vamos relatar duas histórias, de duas mulheres guerrilheiras que “caíram” durante a guerrilha. A primeira foi protagonista de um dos momentos “épicas” da guerrilha, Lucia Maria de Souza, Sonia, foi avistada num riacho por um grupo de militares comandados pelo major Lício Maciel, Dr. Asdrúbal. Ela não se entregou facilmente deu um tiro no rosto do Dr. Asdrúbal um na mão de um oficial e outro no braço do famoso capitão, Sebastião de Moura, Dr. Curió. Logo os soldados atiraram cerca de 10 vezes, mesmo assim ela foge, é perseguida por dois militares que ao anoitecer encontram Sonia, muito ferida e deitada com um 38 nas mãos é rendida e indagada “qual é o seu nome” e teria respondido: “guerrilheiro não tem nome” e o sargento retrucou: “Nem nome nem vida”, foi metralhada pelos dois militares, ficou com mais de 80 furos.

A segunda, Dinalva Conceição geóloga de São Paulo, Dina foi a única mulher líder (do Destacamento C) no Araguaia, tornou-se um mito na região, vista por alguns como imbatível e respeitada entre os companheiros, ela fez o justiçamento de Rosalindo. Foi detida em junho de 1974 e ficou duas semanas presa em Marabá, foi levada de helicóptero pelo sargento do exército Joaquim Arhur Lopes, codinome Ivan, para o meio da mata próximo de Xambioá e lá foi executada; “ (...) lhe estourou o peito com uma bala de pistola calibre 45. o impacto jogou Dina para trás. Levou um segundo tiro na cabeça. Foi enterrada ali mesmo. O corpo (...) jamais foi encontrado.”

✓ “Situações” do Araguaia

- *Engenheiros.*

(...) Estava me lembrando, um dia desses, de alguns momentos no Araguaia. Na ocasião, eu dizia aos companheiros: “Vamos construir um barraco aqui”. Alguém indagou: “Mas não sabemos construir um barraco, como é que vamos fazer isso? Nunca construímos um barraco”. Continuei: “Pois é, nunca construímos, mas vamos construir um agora”. A conversa se estendeu: “Não dá, vamos contratar alguém”. (...) “Mas que contratar gente nada. Nós vamos ter de construir um barraco aqui!”.

E lá fomos nós construir nosso barraco. E puxa daqui, puxa de lá. E arranja madeira num lugar e noutro. Quando se viu o barraco estava pronto. Uma morada simples. Foi esse um exemplo da nossa história...

¹ O PC do B foi criado em 1962 proveniente de um racha que ocorreu no interior do PCB.

- "Probleminhas".

(...) Noutro momento, um camarada teve uma malária daquelas terríveis, com uma febre de 40 graus - que não passava. E o homem com uma diarreia horrível, naquelas condições... Então, pegamos, num daqueles barracos, amarramos um mosquito e depois pusemos uns bancos que havíamos feito, tiramos umas tábuas, botamos embaixo um croatá de açazeiro. A gente o tirava e já o punha sentado naquele negócio para se aliviar e depois o colocava de novo na rede. Uma coisa horrível. E dizíamos: "Não há outro jeito".

- O Enfermeiro.

(...) Num certo dia, apareceu uma mulher que já estava dando à luz, estava parindo, e não podia ter a criança porque a passagem estava bloqueada, sem meio de reverter. E aí o companheiro [João Haas] - com sua consciência de médico - disse: "Aqui só tem um jeito, tem de tirar esta criança de qualquer forma. Se não a mãe morre. Mas como eu vou tirar a criança, nestas condições?".

Só poderia tirá-la aos pedaços. Então, o João Haas com uma gilete nas mãos, entre dois dedos, meteu a mão, com cuidado para não ferir a mulher, foi cortando o feto por dentro do útero, e pouco a pouco foi puxando e tirou o feto, que já estava morto. E mandou comprar antibióticos para a mulher.

Olha, essa história... Nós, com tantos cuidados para que ninguém nos descobrisse... Mas, outro dia, uma semana depois disso, íamos passando montados em burrinhos - com o Haas e outros três - e vimos distintamente alguns camponeses, mulheres e homens, uns quatro ou cinco, que gritaram: "Lá vai o médico!".

✓ O Novo Presidente

Geisel, três dias depois de sua eleição pelo colégio eleitoral [janeiro de 1974] conversa com o chefe de sua segurança, tenente coronel Germano Arnoldi... Quería notícias do Araguaia:

- Vem cá. E como é que está aquela operação lá em Altamira?
- Lá em Xambioá? Tenho a impressão de que se prosseguir como tem sido executada, mais um dois ou três meses liquida-se aquilo lá.
- Mas eles já conseguiram alguma coisa?
- Atualmente já pegaram quase trinta.
- trinta?
- Trinta. O efetivo mais o menos estimado para lá é da ordem de 180, 200. (...)
- E a população?
- A população vinha sendo trabalhada há muito tempo por eles. [...]
- A População não tomou conhecimento dessas mortes, não? [mortes realizadas pelos militares]
- deve tomar, deve tomar porque a coisa se processa com a presença de mateiros e se espalha logo. (...)
- Onde era a sede, a direção deles, em São Paulo?
- A direção é do PC do B. eles tinham na área um elemento da chamada comissão militar. Praticamente supervisionada o trabalho ali na área. (...) A maioria vive de sobrevivência na selva. Eu tenho a impressão de que mais dois ou três meses... A despeito de que o cabeça de lá até hoje não o pegaram, um tal de *Osvaldão*.
- Como é?
- *Osvaldão*. Um sujeito de quase dois metros de altura, oficial da reserva, CPOR, tenente. Está lá há seis anos na área. (...)

➤ O Fim dos Sonhos! – Uma releitura.

Tanto os militares quanto o PC do B dividem a guerrilha em três campanhas distintas. A Primeira iniciada em **abril de 1972**, se deu quando as forças oficiais – unindo exército, Marinha e Aeronáutica – promoveram várias missões de reconhecimento, batizadas com nomes como **Operação Peixe, Ouriço e Olho vivo**. Para os militares quase todo deu errado. Mobilizaram 170 homens e foram embora em 40 dias. Os guerrilheiros comemoraram a vitória.

A segunda campanha, **Operação Papagaio**, ocorreu entre **setembro e outubro de 1972**, quando o exército voltou para realizar manobra de treinamento em campo de batalha real, desta vez com uma brigada infantaria, forças especiais da Brigada Pára-quedista, um contingente de fuzileiros navais e uma ala numera da Força Aérea. Nada menos que 3.600 homens combateram por 12 dias, na maior mobilização militar do país desde a II Guerra.

Até esse ponto, os fatos teriam ocorrido dentro da normalidade de uma guerra convencional. As forças armadas combatiam com tropas fardadas, enterravam em cemitérios públicos os guerrilheiros que morriam em combate (ainda que sem identificação) e todos os prisioneiros dessas duas fases voltaram vivos.

A partir daí, quase nada ficou registrado. Sabe-se que houve um período de 11 meses sem baixas entre os guerrilheiros – de novembro de 1972 a outubro de 1973. O Exército, contudo, usou o tempo para promover uma grande **operação de inteligência**, infiltrando no convívio com os guerrilheiros 35 agentes secretos – quase todos caboclos. Essa grande ação de espionagem e infiltração foi batizada de **Operação Sucuri**. Ao final, tinham o nome, o local onde se escondiam e as rotas de cada guerrilheiro.

A terceira campanha, a **Operação Marajoara**, decidiu o episódio. A **7 de outubro de 1973**, 750 membros das tropas especiais do Exército (os "boinas pretas", pára-quedistas, e os "boinas verdes", de combate na selva), escalonados em três grupos de 250 homens, operando em rodízio, entraram na região em trajés civis, armas leves e identidades falsas (codinomes) com a única missão de eliminar os guerrilheiros. Saíram de lá em fins de 1974, com a resistência completamente dizimada. Foi nesse período que teria ocorrido violações sistemáticas dos direitos humanos. Segundo os militares somente dois guerrilheiros conseguiram escapar com vida.

Mas ainda teve um prolongamento das operações militares na região, no início de 1975 os militares retornaram ao bico do Papagaio com intuito de apagar as pistas, **Operação Limpeza**. Em Xambioá e em Marabá existiam cerca de 15 a 20 corpos enterrados pelos militares na área destinada aos indigentes, então eles foram nesses cemitério exumaram alguns corpos, como foi o caso do restos mortais de Osvaldão, e levaram para a Serra das Andorinha onde foram queimados.

✓ O "Mito" Mortal

Negro, tinha 35 anos, 1,98 m, barba enorme e calçava 46. Filho de um padeiro, fora campeão de boxe no botafogo e estudara na Universidade de Praga. Chegara muito cedo ao Araguaia e viveu no mato como garimpeiro e caçador, plantando-se mais tarde numa capoeira perto da margem de um rio. Até refugiar-se na mata, tivera uma casa de palha. Aterrorizava os soldados, aponto de o CIE ter recomendado aos seus agentes infiltrados na região que evitassem confrontos, salvo se o achassem, "mas somente quando a possibilidade de êxito não deixar dúvidas".

Teria matado um sargento. Organizara três execuções de civis, dois do quais eram seus compadres. Tornara-se um mito de invulnerabilidade. Dizia-se que o exército não o pegava porque, ao entrar na floresta, ele virava toco, mosquito, cachorro ou borboleta.

Um lavrador que lhe der comida teve a roça incendiada e nunca mais foi visto. No final de dezembro de 1973, quando aquilo que sobrava do comando da guerrilha decidira sair da região, Osvaldão perguntara: para onde? Anos antes da derrota, propusera que se planejasse um recuo para o Xingu. Batidos, não tinha rota de fuga. Sem suprimentos, teriam a floresta por inimiga. Resta-lhes a debandada.

Na tarde de 4 de fevereiro de 1974 Osvaldão estava sozinho, escondido na floresta. Arlindo Vieira, o *Piauí*, um jovem camponês que colaborara com os guerrilheiros, vinha a frente de uma patrulha Militar. Viu-o numa capoeira, sentado num tronco. Matou-o com um só tiro. O corpo enorme e depauperado do guerrilheiro morto foi pendurado num cabo de aço e içado por um helicóptero. Despencou. Amarraram-no de novo, e assim o povo da terra viu que Osvaldão se acabara. Antes de sepultá-lo, cortaram-lhe a cabeça.

Referencias

- Depoimento de João Amazonas, Presidente de honra do Pc do B, colhido em agosto de 2001, na sede do PCdoB em São Paulo.
- Elio Gaspari. *A Ditadura Escancarada*, As Ilusões Armadas.

Nome do arquivo: GUERRILHA DO ARAGUAIA- nova leitura
Diretório: C:\Documents and Settings\XPUser\Meus documentos
Modelo: C:\Documents and Settings\XPUser\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dotm
Título: A GUERRILHA DO ARAGUAIA
Assunto:
Autor: ROGERIO SILVA
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 25/11/2009 18:25:00
Número de alterações:3
Última gravação: 25/11/2009 19:24:00
Salvo por: XPUser
Tempo total de edição: 1 Minuto
Última impressão: 25/11/2009 19:24:00
Como a última impressão
Número de páginas: 2
Número de palavras: 2.359 (aprox.)
Número de caracteres: 12.739 (aprox.)